



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7247 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

MULHERES NEGRAS E EDUCAÇÃO: DIFERENÇAS NA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO E EM PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL

Larissa Fernandes Pereira - UERJ - PPFH - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

MULHERES NEGRAS E EDUCAÇÃO: DIFERENÇAS NA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO E PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL

No ano de 2018, a taxa líquida de matrícula de estudantes brancos de 18 a 24 anos foi de 30,7%, de estudantes pardos 16,3% e de estudantes pretos 15,1%. Analisando os dados por renda, observamos que a taxa de matrícula líquida no ano de 2017 dos 25% mais pobres foi de 7,2% enquanto que dos 25% mais ricos foi de 48% (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019). Diante dos dados fica clara a desigualdade social e a racial ainda presentes no Brasil mesmo com a implementação da política de cotas.

Este trabalho tem o objetivo de dar visibilidade a histórias de resistência de seis mulheres negras cotistas, alunas de graduação em Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro - *Campus* Duque de Caxias – que fizeram o ensino médio em escola estadual, moradoras da Baixada Fluminense e cursaram pré-vestibular social.

O caminho metodológico escolhido foi uma pesquisa qualitativa utilizando entrevistas semiestruturadas. Neste trabalho serão expostos trechos de quatro entrevistadas com nomes fictícios: Luiza Barros, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Conceição Evaristo. Além disso, utilizo a interseccionalidade como *sensibilidade analítica* para analisar as discriminações que mulheres negras sofrem, posicionadas em avenidas identitárias, nas quais raça, classe, território e gênero se cruzam (AKOTIRENE, 2019). Neste trabalho, para efeitos de análise, os marcadores sociais que se inter cruzam são: raça, gênero e território.

Em um trecho da entrevista de Djamila- quando questionada em quais disciplinas sentiu dificuldade no ensino médio- ela diz: “Eu encontrei maiores dificuldades nas disciplinas que eu normalmente ficava sem professor”. Uma das entrevistadas fala que em todo o ensino médio ela não teve professor de história e geografia.

Outro ponto que apareceu com frequência é o relato da fragilidade do ensino médio público estadual, como no trecho a seguir: “é ensino público, né, a gente às vezes passava meio que sem realmente ter aprendido” (Conceição). Todas relatam uma relação professor-aluno distante e sem muita aproximação na maioria dos casos.

bell hooks acredita que a presença do professor tem efeitos sobre o desenvolvimento do aluno, não somente intelectual, mas sobre a percepção da realidade fora da sala de aula (HOOKS, 2019). O distanciamento entre professor e aluno pode ser prejudicial no

desenvolvimento não só intelectual, mas como social dos alunos.

Um momento marcante das entrevistas foi o relato de uma violência ocasionada por um professor quando a estudante foi transferida de colégio: “minhas notas da antiga escola foram para a nova e eu tinha tirado dois dez em português e ele não queria acreditar. Aí ele falou: “vou até colocar a lápis aqui” (Djamila).

O racismo exposto acima pode contribuir nos processos de subjetivação das sujeitas. Almeida (2019, p.63) afirma que o “racismo enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades”.

Outro episódio evidente de racismo foi relatado pela entrevistada Luiza. Ela afirma que foi a única a se inscrever no ENEM, os outros não tinham interesse em cursar faculdade, pois se viam incapazes de almejar o nível superior, inclusive ela mesma, por influência da própria escola. Por serem constantemente inferiorizados, sentem-se inferiores. Cesaire (1978) aponta que durante o colonialismo foi inculcado nos negros o complexo de inferioridade.

Esses trechos das entrevistas também se inserem no contexto da responsabilidade que a escola possui na perpetuação das desigualdades sociais e raciais, fortemente marcadas pelo racismo. Almeida (2019) afirma que as instituições escolares reforçam um complexo imaginário social ocasionado pelo racismo. Esse imaginário, de acordo com o autor, é potencializado pela escola, pois nos é apresentado um mundo sem a contribuição negra na história, na ciência e na literatura.

Quando as entrevistadas são questionadas sobre o pré-vestibular fica explícita as diferenças entre suas experiências no pré-vestibular e ensino médio, como no trecho da entrevista de Lélia: “A relação professor-aluno no pré-vestibular (social) pra mim foi muito melhor que na escola, do que no ensino médio”. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior foi suscitada pelos movimentos negros que desde 1990 criaram o “Pré-vestibular para negros e carentes” com uma estratégia de enfrentamento às dificuldades de acesso de negros e pobres ao ensino superior (PAULA, 2009).

Nas entrevistas é nítida a diferença de entusiasmo quando elas são questionadas sobre o pré-vestibular e o ensino médio: para falar das experiências no pré-vestibular há maior disposição e conforto. Alguns trechos das entrevistas dão uma dimensão da importância do pré-vestibular social na vida das alunas, seja socialmente, academicamente ou fomentando suas escolhas.

Quando indagada sobre a relação docente-estudante no pré-vestibular social, a entrevistada Djamila diz: “foi um dos melhores contatos, melhores relações professor-aluno que eu tive na minha vida”.

O pré-vestibular e a boa relação professor-aluno ajudaram as entrevistadas no sentido da elevação da autoestima, desenvolvimento da confiança em si, incentivo a não desistir, aumento do poder de argumentação e na questão do pertencimento social e racial. Pelos relatos, fica claro que o pré-vestibular social, ultrapassou as fragilidades do ensino médio público, não só no que concerne ao conteúdo, mas no sentido da preparação para a vida e do apoio institucional. Com isso, elas conseguiram ingressar na universidade mais preparadas.

O tema central da Anped Sudeste permite pensar a influência da pandemia de Covid-19 no contexto dos pré-vestibulares sociais e das escolas de ensino médio público estadual. O novo coronavírus deixou em evidência as desigualdades do Brasil em todas as áreas, incluindo a educação.

Com as aulas remotas, muitos alunos foram excluídos, pois a tecnologia não está ao alcance de todos. Por isso, é muito importante pensar: no Brasil, quem tem direito à educação? Essa é uma pergunta válida não só para o atual cenário. Entre as entrevistadas, quatro são as primeiras das famílias a ingressar no ensino superior. Isso pode ser explicado pelos anos de exclusão do povo negro da educação.

A entrada dessas mulheres negras, habitantes da Baixada Fluminense, no ensino superior é uma grande conquista não só delas, mas de todo o movimento negro. A vivência no pré-vestibular e na universidade proporcionou uma mudança na vida dessas mulheres em termos da possibilidade de mobilidade social e de crescimento pessoal.

A democratização do ensino superior é um processo, ainda distante de se concretizar: permanência e evasão também devem ser consideradas. Ademais, é importante a luta contra o epistemicídio negro que ocorre na academia. Kilomba (2019, p. 52-53) afirma que “o trabalho de escritoras/es e intelectuais *negras/os* permanece, em geral, fora do corpo acadêmico e de suas agendas”.

Palavras-chave: Ensino médio público. Pré-vestibular social. Mulheres negras. Racismo estrutural.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** (Coleção Feminismos Plurais - Coord. Djamila Ribeiro). Belo Horizonte: Pólen Livros, 2019.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural** (Coleção Feminismos Plurais - Coord. Djamila Ribeiro). Belo Horizonte: Pólen Livros, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. (tradução Jess Oliveira. Original de 2008). Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

CESAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. 1º edição, 1978

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PAULA, C.R. O protagonismo negro: o movimento negro na luta por uma educação antirracista. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.105-120, jul/dez 2009.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica**, 2019.